

CASA, FAMÍLIA & CONSTRUÇÃO

Pedro Arruda

Apresentação

Cada geração é um elo na história. Assim, nenhuma geração é uma ilha, não apenas no sentido geográfico, mas também histórico. Somos resultado da geração anterior como a futura o será da nossa. Vemos cada uma superando a outra: os filhos estudam mais, crescem e atingem estaturas maiores que seus pais. Mas é assim também do ponto de vista espiritual? Conseguimos dar-lhes condições culturais, nutricionais e até mesmo herança melhores que recebemos. Mas que legado espiritual nós estamos deixando aos nossos filhos? Serão eles mais apaixonados por Jesus do que nós? Para fazer a diferença não bastará que sejam iguais a nós, pois isso significará manterem-se no mesmo lugar. Portanto, para aproximarem-se mais da volta de Jesus, eles terão de ser melhores do que nós, e para isso dependerão daquilo que lhes transmitirmos.

Introdução

Talvez, devido à minha idade, falar em igreja de nossos dias me remeta a uma preocupação com o futuro. Ou seja, me leva a pensar na igreja de amanhã e quais as responsabilidades que temos para com ela. Em outras palavras, a igreja de amanhã se assentará sobre as bases deixadas pela igreja de hoje. Estabelecendo uma analogia, se cabe à igreja de amanhã o papel que coube a Salomão, ou seja, o da construção do templo (a casa do Senhor), logo cabe à igreja de hoje a função de Davi: deixar tudo preparado a Salomão, principalmente a planta, o projeto da casa do Senhor. Quem faz projeto precisa ser visionário, criativo e ter a mente aberta. Ora, se neste caso é Deus quem fornece a planta, precisamos ter a visão dele e receber a sua criatividade em revelação com um coração aberto. Sim, é preciso que tenhamos um coração segundo o coração de Deus.

Nós nascemos e desenvolvemos todo o nosso pensamento sob a influência do fruto do conhecimento do bem e do mal, inclusive a compreensão religiosa sobre o que vem a ser igreja. Habitamos a conceber igreja a partir de conceitos objetivos e é com essa mente que buscamos entendê-la na Bíblia, especialmente nos livros de Atos dos Apóstolos e nas Epístolas. Porque somos movidos pela objetividade, obtemos também resultados objetivos, e por isso ficamos presos a modelos que ali descobrimos. Dessa mesma atitude e diante da mesma fonte é que nasceu o episcopalismo, o congregacionalismo, o pentecostalismo, o governo plural e, por que não, o restauracionismo e tantos outros modelos. Assim, depois da descoberta objetiva do modelo, parte-se para a etapa de adequar tudo dentro desse modelo que corresponde a uma forma rígida. Não se trata de movimento que se transforma em monumento, como se o movimento se engessasse, mas sim de que o modelo predeterminado

já é rígido, e o movimento existe até que se complete o total ingresso no modelo. Quando se chega a esse ponto, torna-se desnecessário movimentar. Assim se repete a história de que a igreja é fruto de um modelo.

Vamos então tentar substituir a nossa premissa. Vamos trocar a busca de um modelo objetivo para se praticar a igreja por uma compreensão subjetiva dos ensinamentos de Jesus e ver em que resulta essa prática. Assim, vamos partir da premissa de que *a igreja não foi o resultado de modelo institucional, mas do estilo de vida ensinado por Jesus e potencializado pelo Espírito Santo*. Não vamos descobrir como se origina a igreja se olharmos para ela depois de constituída. Caso a queiramos compreender, é preciso observar seus antecedentes, onde se ficaram suas bases. Embora o livro de Atos e as Epístolas falem abundantemente sobre ela, é nos Evangelhos que encontramos seus fundamentos.

Embora fosse sabido que a Igreja seria estabelecida, era difícil para Jesus se fazer entender quando falava de algo que ainda não tinha vindo à luz. Por isso *Jesus falou tão pouco sobre a igreja, mas estabeleceu as bases para ela. Jesus foi como Davi, e o Espírito Santo como Salomão, se retomarmos a analogia entre o surgimento do templo e da igreja. Portanto o projeto estava com Jesus. Se quisermos examinar o projeto para compreendê-lo, nós temos que ir a Jesus, isto é, aos Evangelhos*.

Antes de se estabelecer o modelo temos que conhecer o projeto. *É preciso desvendar esse projeto para torná-lo acessível à próxima geração. Esta deve ser, portanto, a missão da igreja de nossos dias*. Por isso não há a pretensão de falar de igreja diretamente, mas de coisas que resultem nela e, dentre elas, a casa, a família e a comunhão.

O sonho de Deus: a sua casa própria

Não consta que Adão e Eva tivessem uma casa como moradia no Jardim do Éden. Esse modelo que conhecemos é pós-pecado, necessário ao conforto e à proteção contra eventuais intempéries, ameaças de animais e de homens durante, principalmente, períodos de fragilidade, tais como sono, nascimentos recentes, velhice, enfermidade, convalescença etc. Foi com esse tipo de pensamento que Davi se propôs a construir uma casa para o Senhor, que, embora viesse a ser aceita, foi primeiramente recusada. Por que, então, Deus rejeitaria algo que iria aceitar? Talvez porque fosse necessário corrigir os conceitos de Davi, e para isso anunciar-lhe que ele, e não Deus, teria uma casa construída para si. Basta, no entanto, notar que os conceitos de Davi e de Deus eram diferentes. Davi, constringido por morar numa casa luxuosa enquanto a arca do Senhor estava numa tenda, pretendia erguer um edifício – uma obra de engenharia que proporcionasse conforto e proteção. Deus, por outro lado, pensava em família quando se referia à casa que construiria para Davi, com projeção para a eternidade.

Portanto casa e família são dois termos que se fundem conceitualmente, e um sem o outro perde sentido. Davi pensava em dar um endereço a Deus, mas Deus preferia que este endereço fosse a família de Davi. Embora o templo estivesse localizado no Monte Moriá, faz-se

referência a Sião, onde estava a casa de Davi, como morada do Senhor. *“Cantai louvores ao Senhor, que habita em Sião...”* (Sl 9.11); *“Em Salém, está o seu tabernáculo, e, em Sião, a sua morada”* (Sl 76.2); *“Pois o Senhor escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada”* (Sl 123.13).

Ao chamar Abrão, Deus fez a ele uma promessa em três dimensões: pessoal: *“Abençoarei os que te abençoarem...”*; nacional: *“Farei de ti uma grande nação...”*; universal: *“Em ti serão benditas todas as famílias da terra...”*. A primeira, obviamente, se cumpriu na própria vida de Abraão; a segunda se referiu a Israel; e a terceira, à igreja, a única que tem dimensão universal. Então, em vez de *“todas as famílias da terra”*, Deus poderia ter mencionado *“igreja”* diretamente.

Muitas vezes Deus falou a Abraão ou a sua família referindo-se à nação de Israel, apesar de esta nação ainda não existir sobre a face da terra. Da mesma forma, muitas vezes falou a Israel referindo-se à igreja, embora esta até então não tivesse sido inaugurada. Assim como Deus olhava para a extensão da família de Davi e via Jesus nela, assim também via a igreja em Israel. Obviamente não a instituição, mas o resultado de sua obra, pois só assim se justificam profecias tais como *“Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne;...”*. *“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”* (Ez 11.19; 36.26); *“Curarei a sua infidelidade, eu de mim mesmo os amarei, porque a minha ira se apartou deles”* (Os 14.4). *“E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias”* (At 2.28-29).

Todas essas profecias só poderiam ser cumpridas após a obra de Jesus e sob a ação do Espírito Santo e não trazem nada, absolutamente nada, de um modelo objetivo de organização. Quando Jesus se manifestou entre os homens, ele viveu estas e outras profecias encarnadamente para servir de exemplo a eles. E quando seus seguidores fizeram o mesmo, o resultado foi a igreja. Assim como os seres se juntam segundo as suas espécies, estas pessoas, nascidas de novo, também se juntaram. Isso aconteceu porque tinham um só coração e não porque se juntaram e passaram a ter um só coração. *Não significa que cada um tivesse o seu respectivo novo coração, mas sim que este novo coração era o mesmo em todos – o coração de Jesus –, e por isso tinham que estar unidos num só corpo. Esta é, enfim, a desejada e sonhada comunhão presente na terra novamente e que estivera ausente desde que Adão pecou e, como conseqüência, fora do paraíso, todos os homens tiveram que construir casas para si.*

Todos têm direito à Família

“Deus faz que o solitário more em família...” (Sl 68.6). Penso que seja um menosprezo reduzir este versículo apenas ao plano natural. Deus concebeu a humanidade a partir da

família. Se não fosse o sistema de procriação, que nos diferencia completamente dos anjos, não haveria a possibilidade de a encarnação de Jesus acontecer. Portanto a humanidade se iniciou e se perpetua através da família, e nem mesmo a vinda de Jesus não desrespeitou esta maneira de Deus. Viver sem família é uma anomalia. Ao solitário, então, Deus preparou uma solução para fazer com que ele morasse em família. Inclui-o em sua família que é a igreja, constituída por mães e irmãos de Jesus que fazem a vontade do Pai que está nos céus.

Só para lembrar que Deus escreveu a história através da família: iniciou a humanidade através da família de Adão; preservou a humanidade através da família de Noé; gerou a nação escolhida através da família de Abraão; tirou o povo do Egito organizado por famílias e da mesma maneira constituiu a nação de Israel e também reconstruiu Jerusalém depois do exílio babilônico. Jesus nasceu numa família, e o derramamento do Espírito Santo, no dia do nascimento da igreja, foi interpretado como um dom à família, senão vejamos: *“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão”* (At 2.17-18). Ora, (pais), vossos filhos, filhas, jovens, velhos, servos e servas não são a descrição típica dos componentes de uma família? Pois é aqui que se inicia o cumprimento da dimensão universal da promessa feita a Abraão.

Um olhar míope sobre os ensinamentos de Jesus pode nos levar a conclusões equivocadas sobre a consideração que ele tinha pela família, especialmente em virtude da contaminação causada pela ansiedade que católicos e evangélicos tinham de se distinguir um do outro. Frases como *“quem não deixar pai, mãe, irmão e irmã não é digno de mim”* foram erroneamente interpretadas como aprovação para se abandonar a família e não considerá-la do ponto de vista de Deus. Ou seja, assim como todas as coisas, família também deveria ser por nós considerada dentro da perspectiva divina e não como uma valoração pessoal e direta. Assim como também as prostitutas e publicanos têm valor diferente quando olhados como pessoas do ponto de vista de Deus. Embora tidos como escórias da sociedade, precederiam, segundo Jesus, os escribas e os fariseus no reino de Deus. Quando Jesus foi solicitado por sua mãe e seus irmãos, perguntou quem seria sua mãe e seus irmãos e indicou como tais aqueles que fazem a vontade do Pai. Com isso não pretendia desprezar a sua mãe e seus irmãos, mas sim elevar seus discípulos a esta qualidade de familiares.

Também devemos considerar as inúmeras vezes que Jesus recorreu à família para explicar questões do reino de Deus. Basta olhar para as parábolas e verificaremos quão recorrentes são as figuras parentais ali utilizadas. Por fim a igreja já constituída contou com a família hospitaleira como base operacional de suas ações, inclusive as missionárias. No livro do Pastor de Hermas – um dos mais antigos escritos cristãos –, encontramos que quando alguém chegava a Roma sem pousada reservada, indagava onde morava o bispo, pois sabia que lá sempre haveria acolhida. Não é por acaso que o sistema hospitalar nasceu da iniciativa de cristãos de hospedar os enfermos rejeitados.

A primeira grande divisão: família e igreja tornam-se coisas distintas

A finalidade da família era, portanto, a de hospedar a igreja, e assim uma se amalgamava à outra. De fato, foram criadas uma para a outra. No início da história eclesiástica, registram-se muitas insurgências e desvios, mas como primeira grande divisão considera-se a secessão entre Roma e Constantinopla, Ocidentais e Orientais, e como segunda, a Reforma protestante. Contudo estas divisões são de caráter institucional, pois a primeira grande divisão se deu de maneira tão sutil que até aos dias de hoje permanece encoberta.

Durante seus primeiros 150 anos, a igreja se reuniu dentro do seio familiar. Depois disso, as famílias hospedeiras generosamente desocuparam suas residências a favor da igreja para uso de seu serviço religioso. Nos 150 anos posteriores, essas casas, com pequenas adaptações, continuaram a servir para o encontro da comunidade e as atividades afins dela. Em seguida, já no período de Constantino, a mãe deste, conhecida como Santa Helena, passou a patrocinar a construção das primeiras basílicas, concebidas desde o projeto para o serviço religioso.

Quando observamos isso, notamos que a primeira e mais terrível divisão foi a separação entre família e igreja em meados do segundo século. Nesse momento, ela começou a ser uma instituição distinta e ao mesmo tempo estranha. O que veio a seguir foi só uma questão de desenvolver-se como tal. O vírus da divisão já havia sido inoculado. Todas as igrejas nascidas depois disso trazem este vício em seu projeto que tende sempre a se repetir. Divisão gera divisão, e esta mãe é de uma fertilidade total!

É importante observar esta questão, pois uma igreja que não toma a família por sua base tem em si um vírus adormecido que se desperta e manifesta no momento que julga mais apropriado a ele, ou seja, no momento em que as resistências do corpo se encontram mais fragilizadas.

É admissível que, atualmente, o termo “igreja” está multidistorcido, bem como outros ligados a ele. É quase impossível de se ter um consenso coletivo e genuíno de seu significado. O mesmo está ocorrendo com “família”. Temos, porém, que atentar para o fato de que Deus é o único que tem legitimidade para conceituar o que é família, pois o que mundo mais deseja é deturpar a obra de Deus. Daí surgirem aglomerados de pessoas como repúblicas de estudantes, parceiros de mesmo sexo que residem juntos, empresas, equipes etc, que pretendem se considerar como família, com apoio da Psicologia, Sociologia e de outros patrocinadores, mas não da Bíblia.

Se quisermos compreender o que Deus quer nos dizer, é imprescindível que usemos o seu próprio dicionário – a bíblia que explica a bíblia –, pois, do contrário, a confusão estará estabelecida, favorecendo nosso adversário comum. Uma das atribuições do apóstolo, para afastar a confusão, é ser categórico para afirmar: “Isto é!”. Assim fez Pedro no dia de Pentecostes, diante das inúmeras opiniões sobre o fenômeno da descida do Espírito Santo:

“Isto é o que foi dito pelo profeta...”. Com também fizera João interpretando os motivos da fala de Caifás: *“Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação”* (Jo 11.51) (grifos acrescidos). Se aceitarmos conceitos externos, destruimos o conceito original. Para isso é necessário que, pela renovação de nossa mente, transformemos o nosso entendimento, habilitando-nos a experimentar a vontade de Deus, de acordo com Paulo na carta aos Romanos. (Rm12.2).

A comunhão como base da restauração

Por fim, vamos abordar uma analogia recorrente, quando se fala em restauração de igreja, lançando mão da tipologia de Israel à época do cativo babilônico. Lembremos que o conceito humano sobre casa (um edifício) acabou prevalecendo sobre o de templo, e os judeus acabaram por presumir que simplesmente o fato de o templo estar localizado em seu território determinava a proteção de Deus a sua própria casa e, por conseqüência, ao povo que ali habitava. “Templo do Senhor”, diziam eles, como que requerendo um compromisso que Deus, na verdade, não tinha. Deus retirou deles a bênção e os ensinou a abençoar Babilônia que os arrastava em cativeiro: plantem, casem-se, construam casas e orem pela paz da cidade onde estiverem!

Quando se completaram os anos de cativeiro, Deus usou a própria Babilônia para reconstruir Jerusalém, fornecendo apoio político e financeiro aos judeus. Talvez uma das coisas mais difíceis de entender é ver Babilônia como instrumento de Deus, mas foi o que aconteceu tanto para disciplinar como para livrar. Contudo a história nos mostra que os judeus continuaram cegos quanto ao verdadeiro conceito sobre o templo, a ponto de apresentar como uma das principais acusações para justificar a morte de Jesus o argumento de que ele teria falado contra o templo!

Parece que os cristãos adotaram, em relação à destruição de Babilônia (o que almejam fazer pelas próprias forças), a mesma obsessão que os judeus tinham pela “intocabilidade” do templo. Ora, se nós atribuímos que o sistema, principalmente o religioso, está para a igreja como a Babilônia estava para Israel, temos que considerar que o sistema serve de juízo de Deus, como também servirá para a libertação futura. Deus nada instrui para fazermos contra a Babilônia, pois no tempo certo, da parte dele, haverá o juízo. Não precisamos, precipitadamente, pedir fogo do céu sobre ela, pelo contrário, devemos viver na sociedade abençoando-a e receber do sistema religioso o apoio que ele nos der para a restauração da igreja.

Os primeiros que se propuseram a reconstruir o templo em Jerusalém, começaram, pela unidade entre si, a levantar o altar e depois o templo. Ora, isso diz respeito à comunhão! Então, ao invés de ficarmos brigando com Babilônia, pois ela em si também é motivo de divergências, pois não sabemos ao certo seus limites, devemos gastar nossa energia em buscar a unidade e a comunhão, pois estas são as bases para se edificar a igreja.

Quando Jesus perguntou aos discípulos o que pensavam acerca da identidade dele, Pedro respondeu que ele era *“o Cristo, o Filho do Deus vivo”*! Jesus explica, então, que a resposta de Pedro tinha origem no céu, na revelação do Pai, e não no conhecimento carnal. A seguir, completa que *“sobre esta pedra, edificarei a minha igreja”*. Muito já se escreveu sobre isso para autorizar e desautorizar. Se sairmos atrás de explicações para o texto de Mateus 16.14-20, teremos várias interpretações, com um número maior ainda de variações. Eis algumas possíveis:

- *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*”. Pedro é uma pedra e, como apóstolo, colocada nos fundamentos da igreja. O fato de se enxergar nele uma liderança e ter sido ele o primeiro a pregar aos judeus e gentios, usando a chave para abrir aos homens a dispensação da graça, somado a uma tradução dessa graça como igreja organizada e à interpretação da sucessão apostólica, redundou no sistema papal católico.
- *“Tu és Pedro, (uma pedrinha, uma lasca de pedra) e sobre esta pedra (Jesus referindo-se a si mesmo como uma rocha), edificarei a minha igreja”*. Se encenada, poderíamos imaginar esta passagem da seguinte forma: Jesus apontando o indicador para Pedro na primeira frase e para si mesmo na segunda. Assim Pedro é visto como apenas mais uma pedra, como todos os demais, neste edifício chamado igreja.
- Outra possibilidade: a pedra sobre a qual Jesus edificará a igreja é a revelação apresentada por Pedro de que *“Jesus é o Filho de Deus vivo”*!

Ao invés de optar por uma delas simplesmente, vou acrescentar outra:

- Jesus, que é Deus, pergunta a Pedro. Contudo o Pai, que também é Deus, se antecipa e “assopra” a resposta a Pedro, que por sua vez a declara para Jesus. Deus pergunta e o próprio Deus responde, assim fica garantida a impossibilidade de qualquer equívoco quanto à verdade e vontade de Deus. Podemos chamar esse processo de comunhão!

Quero concluir, então, dizendo que *a comunhão é a base da igreja. Ela só é possível quando há pelo menos duas pessoas legitimamente comprometidas com a vontade de Deus, por meio das quais a Trindade possa conferenciar, estabelecendo um diálogo de Deus para Deus. O quanto vejo de Jesus no outro e o quanto ofereço de Jesus em mim é a proporção da comunhão que mantemos.*

Pedro Arruda, 52 anos, é casado com Clélia e tem três filhos: Débora, Cristina e Pedro. Reside em Barueri SP. Trabalha como empresário na área de educação de trânsito e faz parte do Conselho Editorial da Revista Impacto. E-mail: arrudapedro@terra.com.br